

Volume 9, número 1: "Meio ambiente, territórios e serviço social: caminhos necessários à luta anticapitalista"

Montes Claros (MG). jan./jun. 2025. | ISSN 2527-1849

### *Editorial*

#### **Meio ambiente, territórios e Serviço Social: caminhos necessários à luta anticapitalista**

Tengo los lagos, tengo los ríos  
Tengo mis dientes pa' cuando me sonrío  
La nieve que maquilla mis montañas  
Tengo el Sol que me seca y la lluvia que me baña  
Un desierto embriagado con peyote  
Un trago de pulque para cantar con los coyotes  
Todo lo que necesito  
Tengo a mis pulmones respirando azul clarito  
La altura que sofoca  
Soy las muelas de mi boca, mascando coca  
El otoño con sus hojas desmayadas  
Los versos escritos bajo la noche estrelada  
(Latinoamérica, Calle 13)

Diego Tabosa da Silva<sup>1</sup>

O ano de 2025 nos provoca a revisitar nossa história e refletir, em diferentes âmbitos, sobre as lutas travadas e os compromissos firmados e que devem ser constantemente fortalecidos.

Às vésperas de completar uma década de existência, a Revista Serviço Social em Perspectiva, apesar da "pouca idade", vem demonstrando seu firme compromisso com a produção e difusão do conhecimento e com a defesa das políticas sociais, da educação pública, gratuita e socialmente referenciada e do Serviço Social crítico. Mesmo diante

<sup>1</sup> Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Mestre em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Docente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, Campus Baixada Santista. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Serviço Social - GEPSS/UNIMONTES, e do Grupo Temático de Pesquisa Serviço Social (GTP) Fundamentos, Formação e Trabalho profissional - ABEPSS. Gestão 2025-2026.. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8589-109X>. E-mail: [tabosa.diego@gmail.com](mailto:tabosa.diego@gmail.com)

de um período marcado pelo negacionismo, obscurantismo e retrocessos<sup>2</sup>, nosso periódico não deixou de se debruçar criticamente, sobre temas relevantes para a interpretação e alteração da realidade social. Nesta quadra histórica, aponta Paula (2020, p. 257), "o país chega a ter, aproximadamente, treze milhões de brasileiros desempregados no primeiro trimestre de 2020; o aumento nos casos explícitos de racismo, por todo o país são estarrecedores; e o meio ambiente nunca foi tão atacado pelo próprio governo como no momento atual", a autora nos lembra que em Abril de 2020, o então Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles<sup>3</sup>, durante reunião ministerial dissera que o governo deveria aproveitar o momento em que o foco da sociedade e da mídia estava voltada para o novo coronavírus para "passar a boiada" e mudar regras que poderiam ser questionadas na Justiça.

Infelizmente, os desafios à defesa da pesquisa, ciência e educação críticas, não são uma exclusividade do âmbito ministerial, pelo contrário, também se apresentam nos espaços de trabalho e formação profissional. Exatamente nos espaços que deveriam valorizar e incentivar a produção do conhecimento, encontrarmos entraves - e por vezes impedimentos - importantes à produção científica. A ausência de políticas institucionais que valorizem as atividades de pesquisa como parte do trabalho profissional, e que ampliem a diversidade de sujeitos que produzem conhecimento, e aqui merece destaque questões relacionadas ao gênero, e ainda o pouco investimento por parte das Universidade, para a continuidade e constante qualificação dos periódicos e a ruptura com a dinâmica produtivista no âmbito acadêmico, são apenas alguns desafios que atravessam a história de nossa revista e com os quais nos confrontamos ao longo desses nove anos de história.

O trabalho editorial, muitas vezes invisível, é extremamente importante para a publicação de um número de periódico. Este trabalho é intenso e acontece ao longo de todo o ano, afinal, o ciclo de publicação passa pelo planejamento do tema, a elaboração

<sup>2</sup> Aqui mencionamos especificamente o período do Governo de Jair Bolsonaro (2019 a 2022). Segundo Ferreira (2024, p. 4) "é a síntese do Brasil sob o governo do capitão: fome, militarização da vida, voluntarismo, desmonte de políticas sociais e espetacularização da pobreza, do racismo e do sexism". Par Alves, et al (2023, p. 9) "O governo Bolsonaro já apresentava as fake news como estratégia desde sua corrida presidencial, em 2017, e, em seu mandato, não foi diferente. Contudo, desde o início da pandemia da covid-19, o Brasil viveu uma intensificação do discurso anticiência e negacionista".

<sup>3</sup> Atualmente, Salles, é filiado ao Partido Novo e foi eleito, em 2022, Deputado Federal pelo Estado de São Paulo.

de editais de submissão, o diálogo contínuo com autoras/es, leitoras/es e pareceristas, a organização do fluxo editorial com análise das submissões, distribuições para avaliação, acompanhamento dos pareceres, diagramação, publicação e divulgação. Número após número, essas atividades são realizadas, com empenho e compromisso em qualificar cada etapa, para tornar o processo de publicação do conhecimento científico, cada vez menos burocrático, demorado e impessoal. Aproveitamos este espaço para agradecer a todas e todos que dedicam parte de seu tempo para contribuir com nosso periódico na leitura, avaliação e emissão de pareceres dos textos submetidos. Valorizamos o compromisso de quem, voluntariamente, mesmo diante de tantas tarefas, consegue se dedicar ao desenvolvimento da ciência e pesquisa na área do Serviço Social. À nossas/os pareceristas, muito obrigado!

2025 é especial também por marcar dois importantes centenários: do Serviço Social latino-americano e do pensador social brasileiro, Clóvis Moura. A reflexão dos cem anos da profissão na América Latina<sup>4</sup> nos remete ao desenvolvimento capitalista chileno, que no final do século XIX já apresentava sinais de industrialização.

Este processo, como é lógico, trouxe toda a sequela das consequências e males derivados da expansão das relações capitalistas de produção. Miséria, crescimento urbano caótico, migrações de camponeses expulsos de suas terras etc., instauraram o solo fértil e propício para a emergência e a proliferação de agentes carregados de trabalhar estes fenômenos – agentes entre os quais, naturalmente, contam-se os assistentes sociais. (Castro, 2011, p. 37)

Nesse ir e vir da história, no movimento dinâmico da realidade, a profissão se reconceitua, é fruto e promotora de importantes inflexões e análises. Na vasta diversidade latino-americana a profissão se constitui diante das particularidades históricas de cada país. Entretanto, a profissão nesta parte do mundo se dedica hegemonicamente à defesa de um projeto profissional crítico, contestatório e anticapitalista. Para isso, é importante destacar, que o cenário no qual se desenvolve a profissão, é constituído por um quadro de "crises e transformações do capitalismo [...]

---

<sup>4</sup> Importante destacar a realização, do XXIV Seminário da Associação Latino-Americana de Enseñanza e Investigación en Trabajo Social (ALAEITS), que traz como tema central: A 100 años del Trabajo Social en Chile y Latinoamérica: Crisis civilizatoria, luchas contra hegemónicas y proyectos emancipatorios: Desafíos, rupturas y organización frente al avance ultraconservador. O evento está previsto para acontecer entre os dias 13 e 16 de outubro de 2025, em Santiago - Chile.

entrecortado por duas guerras mundiais, pelas agruras do fascismo e do nazismo, pela Guerra Fria, por sangrentas ditaduras militares, mas também por revoluções socialistas" (Simionatto, 2021, p. 19). Nos anos de 1960, em um contexto de efervescência da disputa pela hegemonia mundial, e profunda agitação social, se "impulsionou e alimentou a crítica no Serviço Social" (LOPES, 2016, p. 319), o I Seminário Latino-Americano de Serviço Social, teve como tema a profissão face às mudanças na América Latina, o que "expressava esse crítica e a expectativa de vincular a profissão ao forte movimento por mudanças que ocorria no continente" (Ibid).

É nesse cenário de profundas mudanças em nível mundial, de efervescência das lutas sociais, das tensões pulsantes na prática política e na vida científica e cultural, que eclode o Movimento de Reconceituação em Nuestra América, impulsionando o Serviço Social ao questionamento do tradicionalismo e do conservadorismo impregnados na profissão, de seus pressupostos teóricos e ideopolíticos, de sua direção social e práticas profissionais. Ao mesmo tempo, colocavam-se em xeque as engrenagens exploradoras do imperialismo estadunidense, gerador das condições históricas de nosso capitalismo dependente. (Simionatto, p. 20)

Na esteira desse movimento, destacamos a sua essência de questionamento e crítica, e, assim, destacamos a relevância do pensamento de Clóvis Moura, para o Serviço Social brasileiro, "por apresentar elementos centrais que abordam como a questão racial é fundante na constituição da questão social brasileira, demonstrando que esta é intrínseca ao modo de produção capitalista" (Silva, et. al., 2023, p. 146). O ano de 2025 marca o centenário do sociólogo, historiador e jornalista, autor de uma vasta e importante bibliografia. Moura "denuncia as questões estruturais da nossa sociedade, e, ao contrário da passividade, ressalta a práxis negra como sinônimo de rebeldia, insurgência e combatividade que demarca a história brasileira e a contemporaneidade" (Silva e Fagundes, 2022, p. 230).

Como falamos na abertura deste editorial, o ano no qual publicamos nosso nono volume, é repleto de datas e acontecimentos que nos convidam à reflexão - e ação-critica. É exatamente por isso, que trazemos como temática neste número "**Meio ambiente, territórios e serviço social: caminhos necessários à luta anticapitalista**". Este tema revela a urgência de pensarmos a relação que temos estabelecido com a natureza, e como o capitalismo e sua lógica destrutiva tem colocado em risco à vida de

populações e grupos sociais. Neste primeiro número do Volume 9, centramos nossas reflexões às lutas e resistências travadas nos territórios em defesa do meio ambiente e do direito à vida. Esta edição vem à público no mesmo ano em que se realizará, no Brasil, a trigésima edição da Conferência das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas, a COP30, e que marca uma década de proposição da Agenda 2030. Esta agenda é composta por dezessete Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS), é foi uma proposta da Organização das Nações Unidas, no ano de 2015. Trata-se, portanto, de dar centralidade ao debate do meio ambiente, sob a ótica dos impactos que a crise capitalista traz ao meio ambiente.

Sempre atento aos temas urgentes e necessários, o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) elenca o "Serviço Social na luta por justiça ambiental para a diversidade de povos e biomas", como tema para a campanha de comemoração ao dia da/o assistente social e afirma "a gente defende a justiça ambiental para enfrentar a desigualdade social!". De acordo com o site CFESS,

Reafirmamos nossa defesa da Justiça Ambiental, pois atuamos com as populações afetadas por emergências climáticas em diversas frentes: desde o acesso a benefícios como cestas básicas, passando pelo encaminhamento para programas de habitação, atendimentos em saúde pública relacionados à exposição a agrotóxicos, até a incidência política em conferências e conselhos de políticas sociais. Convidamos toda a categoria a refletir sobre quem são os grupos que cultivam e potencializam a vida dos biomas; sobre quem são responsáveis pela manutenção das florestas, das águas e dos campos e sobre quem são essas pessoas que ocupam os espaços de riscos e quais são suas origens étnicas e raciais. Nossa projeto profissional nos convoca a fortalecer alianças com os movimentos sociais e a seguir na luta por um horizonte de justiça social, que é, necessariamente, também ambiental. Afinal, não há vida humana possível sem a natureza em toda a sua diversidade. (CFESS, 2025, p. 1)

Por tudo isso, este volume da Revista Serviço Social em Perspectiva é tão necessário e importante. O seu primeiro número conta com as seções de artigos temáticos, artigos de tema livres, relatos de experiência e resenha, que se constituem a partir de vinte textos, sendo nove na seção temática, oito na seção livre, dois na seção de relatos de experiência e uma resenha. Estas produções congregam quarenta e três autoras e autores, de diferentes regiões do Brasil e também de Luanda - Angola.

Abrindo este número temos o artigo temático "**Dependência e expropriações socioambientais: o Brasil na cadeia imperialista do capitalismo**", texto de autoria de Ana Keuly Luz Bezerra (IFPI) e Francisco Alencar de Vasconcelos Neto (UFPI), que tem como objetivo abordar "a forma predatória como o capitalismo se apropria permanentemente da soberania nacional, do povo e da natureza dos países dependentes". Neste percurso o texto indica "as formas atualizadas de acumulação desse sistema imperialista apresentam-se de forma violenta sobre o meio ambiente. Há um descuido dos impactos ambientais e um crescente investimento dos países centrais no controle e apropriação dos recursos naturais dos países periféricos".

No texto "**A fantástica fábrica da morte: um olhar do Serviço Social para a crise ambiental**", Maurício Caetano Matias Soares (UFRRJ) e Débora Holanda Leite Menezes (UFRJ) chamam atenção para a "sobre o modo de produção capitalista, que tem como elementos essenciais para a sua existência e manutenção: a expropriação, a exploração e a acumulação de riquezas". Assim, o artigo nos alerta para "a necessidade de se discutir os impactos produzidos sobre a natureza e sobre os sujeitos a partir da dinâmica do sistema que se constitui pelo modo de produção capitalista". No texto encontramos importantes reflexões acerca da relação entre os desastres ambientais - como produto do capitalismo - e a intervenção do Serviço Social, em diferente âmbito e políticas.

O pesquisador do PPGSS-UFRN, Leonardo Diego da Silva Silveira, nos apresenta o debate de território como uma categoria de análise social. No artigo "**O território como categoria de análise social: notas sobre o território na política de saúde brasileira**" o autor indica ser necessário assumir, "o reconhecimento de que o território precisa ser apreendido de forma crítica, dinâmica, reflexiva, e não meramente como um conjunto de instrumentais tecnocráticos de execução de políticas sociais".

Dando continuidade à Sessão de artigos temáticos chegamos ao texto "**a espera como forma de violência: a luta pelo reconhecimento dos quilombos e a inércia do Estado**" de autoria de Lucas Esteves dos Santos Costa, Natália Alencar Cantini (UFMT) e Betina Alerth (UFSC). O artigo objetiva "analisar como o Estado, no âmbito de uma sociedade capitalista, age entre o reconhecimento e a negligência de direitos dos/as quilombolas, dependendo de interesses políticos e econômicos".

*Na mesma linha de análise, o artigo "Povos originários e o processo de disputa territorial no brasil: reflexões a partir das intervenções estatais sob o marco temporal de 1988", apresenta uma análise crítica sobre o significado sócio-histórico do território para os povos originários, nele, as pesquisadoras vinculadas à Universidade de Brasília, Ingrid Ribeiro dos Santos e Liliam dos Reis Souza Santos, assevera "que o território possui significados históricos, culturais e econômicos distintos aos grupos sociais em disputa, bem como estratégias de lutas e articulações políticas destoantes e desiguais. E que esta disputa está no cerne da formação social brasileira, perpassando as etapas coloniais, neocoloniais e capitalista dependente".*

Seguindo no debate, Nádia Xavier Moreira (Marinha do Brasil e PPGSDD-ESD) Ana Paula Araújo Diniz (Articulação das Organizações e Povos Indígenas do Amazonas) e Valéria Pereira Bastos (PPGSS-PUC-Rio), trazem para o debate a relação entre proteção, trabalho socioambiental em territórios indígenas e sustentabilidade, demarcando que ao fazê-lo estão tratando de uma das principais reivindicações da luta do movimento indígena. O artigo "Proteção e trabalho socioambiental em territórios indígenas: face do futuro sustentável no Brasil e os desafios para o Serviço Social", ao problematizar as mudanças climáticas, afirma "que ainda que estejam entre os mais atingidos por tais mudanças, são também os povos indígenas aqueles que interpretam e reagem aos seus impactos de maneiras criativas, recorrendo ao conhecimento tradicional e outras tecnologias para encontrar soluções que podem ajudar a sociedade em geral a lidar com mudanças iminentes".

Ainda na sessão de artigos temáticos, encontramos do texto *Financeirização do Meio Ambiente, conservação neoliberal e Amazônia: notas ao debate*", de Carolina Rosi Peroni Fernandes (PPGGEO-UFRJ) nos chama a seguir refletindo sobre as mudanças climáticas, indicando que as suas consequências "exacerbadas pela influência humana, estão expandindo os riscos para os meios de subsistência, a biodiversidade, a saúde humana e dos ecossistemas, bem como para a infraestrutura e os sistemas alimentares, colocando uma pressão sem precedentes sobre os recursos terrestres". A partir de seus estudos a autora afirma - e com ela concordamos - que "é preciso que o devastador modo de produção capitalista seja criticamente repensado e que a harmonia entre sociedade e natureza ganhe centralidade na maneira com que a vida humana existe no

planeta". Logo não é possível pensar justiça ambiental sob um sistema que se estrutura em relações essencialmente desiguais e exploratórias.

É exatamente destacando as relações sociais de classe, raça e sexo/gênero, que o grupo de autoras do artigo "**Desigualdades e resistências nos territórios de pesca do Rio Grande do Norte**" iniciam suas reflexões. As pesquisadoras vinculadas à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Janaiky Almeida, Caroline Tertulino, Erica Costa Santiago e Karinna Macena, objetivam "analisar a resistência dos/as trabalhadores/as rurais diante do capitalismo, com ênfase nas atividades pesqueiras". O texto indica que no Rio Grande do Norte "há uma diversidade no que se refere à economia e cultura no Estado, quando observamos a existência de diversas comunidades pesqueiras, que por vezes dependem da pesca artesanal como principal fonte de renda. Contudo enfrentam a pressão das grandes indústrias capitalistas que tentam invadir seus territórios a fim de explorar não só suas forças de trabalho, mas principalmente os recursos naturais que os cercam. Diante dessas situações e embates, muitas comunidades resistem e se organizam coletivamente contra o avanço destrutivo do capital".

Fechando a sessão temática, Daniel Antoine Abou Jaoude (PPGSS-UERJ) contribui com o texto "**A tragédia climática no Rio Grande do Sul: uma reflexão crítica sobre a relação entre capitalismo e justiça ambiental**". O pesquisador propõe discutir a inter-relação entre a fase atual do sistema capitalista e as catástrofes ambientais contemporâneas, e para isso, "a recente tragédia climática no Rio Grande do Sul será analisada como estudo de caso, com o intuito de compreender os fatores subjacentes que contribuíram para esse evento, à luz de conceitos emergentes como Capitalocene e Policrise". Em sua conclusão o texto aponta que "para enfrentar a emergência climática de maneira efetiva e justa e fazer frente a iminente possibilidade de Colapso Socioambiental, é essencial reconhecer e combater essas formas estruturais de desigualdade. Somente uma abordagem que leve em conta as interseccionalidades de gênero e raça, além da reparação histórica, poderá mitigar os efeitos devastadores das mudanças climáticas, promovendo, assim, uma justiça ambiental e social".

Como vimos até aqui, as produções que constituem a sessão temática deste número da Serviço Social em Perspectiva, se articulam e nos apresentam importantes reflexões sobre a defesa do meio ambiente articulada à luta anticapitalista, com análises sobre

território e levando em consideração diferentes particularidades regionais, mas sem perder abandonar às condições estruturais e a perspectiva de totalidade.

Os textos da sessão de artigos livres passam pelo debate dos Direitos Humanos, com a produção de Silvio Redon (Prefeitura de Cambé - PR) e Eliane Christine Santos dos Campos (UEL) intitulada *Direitos humanos e capital: os países africanos em contexto pandêmico* e com o texto "Serviço Social nas escolas públicas: combate ao racismo e sexism contra estudantes negras" de Eduardo Cechin da Silva e Monique Soares Vieira, da UNIPAMPA.

Em sequência, temos dois textos dedicados à analisar a política de saúde, enquanto que Tatiany Fernandes Oliveira (Prefeitura de João Pessoa - PB) e Alessandra Ximenes (UEPB), discutem "A contrarreforma do Estado na atenção primária à saúde: o período do governo Bolsonaro", o grupo vinculado à UECE composto por Tahiana Alves, Bruna Bentes, Matheus Mota e Ana Larissa Braga, vão fomentar o debate sobre "Serviço Social, saúde mental e sociedade: extensão universitária em um hospital universitário do Ceará".

Seguindo a sessão de artigo livres, temos três artigos que partem da Política de Assistência Social como objeto de análise. Mariana Morais (DPMG) e Ronaldo Duarte (UEMG) a partir de uma revisão de literatura com base nas produções do XVI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais debatem as "*Atribuições e competências do/a assistente social no CRAS*". Já a pesquisadora Vanessa Rombola Machado (UEM) nos apresenta seu texto intitulado "*O Sistema Único de Assistência Social e a proteção social especial de média complexidade frente à violência doméstica contra crianças e adolescentes*", e as pesquisadoras da UFPA, Edivanci Machado, Leiticia Pinto e Cilene Braga, vão expor "*os desafios de envelhecer na Amazônia: análise do perfil da população idosa atendida pela Política de Assistência Social da Ilha do Marajó - Gurupá - PA*".

Para finalizar, a sessão de artigos livres apresenta o texto "*Mulheres catadoras de materiais recicláveis: relações patriarcais de gênero e desafios socio-organizativos na Rede Recicla Seridó*", no qual Adriana Deiga Ferreira (UFRN), Roberto Alves (UFRN) e Ronald Barreto (UNEB), analisam como se estruturam as relações patriarcais de gênero no contexto das condições de vida, do trabalho de catação e das iniciativas organizativas de mulheres catadoras de materiais recicláveis na Rede Recicla Seridó.

Na sequência apresentamos dois relatos de experiência, o primeiro intitulado "o papel da extensão universitária no campo ambiental: a experiência do projeto de extensão "aonde foi parar o meu lixo?" das autoras Adriana Dutra (UFF-Campos dos Goytacazes), Débora Nascimento (UFF), Isabela Freire (UFF) e Letícia Carvalho (UENF) e o segundo que traz "a experiência de estágio dos estudantes de Serviço Social da Universidade de Luanda na comunidade do Sossego: um relato das ações de saneamento e defesa do meio ambiente" de autoria de Leonel Dombele Manuel e Kididi António Luamba (UNILUANDA).

Encerra o primeiro número da publicação, temos o texto de Emílio Bem Barreto Freire. Compondo a sessão de resenhas, "O manifesto do decrescimento" apresenta a obra de Kohei Saito intitulada "O capital no Antropoceno" publicada no Brasil, no final do ano de 2024, pela editora Boitempo. O resenhista afirma que a obra de Saito "em tom de manifesto, combate o irracionalismo de nossos tempos e, simultaneamente, capta a urgência de incorporar a crítica ecológica como uma dimensão indispensável para a superação da lógica do capital".

Mais uma vez, queridas leitoras e queridos leitores, lhes entregamos mais um número da *Revista Serviço Social em Perspectiva*. Um número atravessado por inúmeros desafios, debates e reformulações, mas que segue sendo síntese do trabalho cuidadoso e comprometido que a toda a equipe editorial tem realizado. Mesmo diante de entraves institucionais e mudanças na editoria chefe, o amadurecimento deste periódico é posto à prova, e responde, demonstrando que se trata de um trabalho coletivo e com um nítido direcionamento ético e político, e que por isso, segue firme no objetivo de divulgar conhecimento crítico e de qualidade.

É com muita alegria e respeito que reforçamos nossos agradecimentos a todas e todos que contribuem para a construção desse periódico. Páreceristas, que com compromisso, respeito e qualidade, tem recebido e acolhido nossos pedidos de avaliação e de emissão de pareceres dos artigos submetidos. A etapa de avaliação é fundamental para o processo editorial, pois se relaciona com as expectativas das/dos autoras/es em ter retornos que possam qualificar suas produções, entretanto, tem se mostrado um grande desafio para os periódicos, afinal, essa é uma atividade que se soma às muitas outras desenvolvidas pelo corpo de párecerista. Daí nossos sinceros agradecimentos

àquelas/àqueles que dedicaram parte de seu tempo para leitura, avaliação e emissão de parecer.

Não podemos deixar de agradecer às nossas leitoras e leitores que reconhecem nossa Revista como fonte de pesquisa, consultam nossos artigos, elaboram suas críticas e a partir daí produzem suas pesquisas e produções.

Para concluir agradecemos às pesquisadoras e pesquisadores que confiaram em nosso periódico e nos enviaram os seus textos e que nos atenderam, sempre que acionamos, estabelecendo um diálogo respeitoso e fraternal. Seguimos contando com suas contribuições, seja com a divulgação do nosso periódico, seja com futuras produções.

Desejamos uma ótima leitura do primeiro número do Volume 9 da Revista Serviço Social em Perspectiva: **Meio ambiente, territórios e Serviço Social: caminhos necessários à luta anticapitalista"**

É um abuso do que chamam de razão. Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomado conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o que sobre do lixo que produzem, e eles vão fazer remédio e um monte de parafernalias para nos entreter.

(Krenak, 2020 p. 19-20)

Diego Tabosa da Silva  
Santos-SP, outono de 2025.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Isabela da Paixão, et al. Era da (des)informação: negacionismo e desvalorização da ciência na estratégia bolsonarista frente à pandemia da COVID-19. *Revista Serviço Social em Perspectiva*, v. 7, n. 1, p. 08-24, 2023. DOI: 10.46551/rssp.202301. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/5846>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- CASTRO, Manuel Manrique. *História do Serviço Social na América Latina*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CFESS (Conselho Federal de Serviço Social). Apresentação. *Dia Assistente Social 2025*, 2025. Disponível em: <https://cfess.org.br/diaassistentesocial2025/pagina/view/34>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- FERREIRA, Gracyelle Costa. A política social do capitão: bolsonarismo, neomalthusianismo, eugenia e militarização no Brasil. *Revista Serviço Social & Sociedade*, v. 147 (2), 2024. DOI: 10.1590/0101-6628.416
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2<sup>a</sup> ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LOPES, Josefa Batista. O Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina como marco na construção da alternativa crítica da profissão. In. *Serviço Social no Brasil: História de resistências e de ruptura com o conservadorismo*. São Paulo: Cortez, 2016. p. 311-344.
- PAULA, Gonçalves Pereira Luciana. A conjuntura de uma pandemia e o que ainda está por vir : impactos e estratégias possíveis. *Revista Serviço Social em Perspectiva*, v. 4, n. 2, p. 236-260, 2020. DOI: 10.46551/rssp.202025. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/3123>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- SIMIONATTO, Ivete. Prefácio. In. *História pelo avesso: a reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais*. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2021. p. 15-23.
- SILVA, Sandra Regina Vaz, et al. Contribuições de Clóvis Moura para o Serviço Social brasileiro: por uma formação antirracista. *Revista Lutas Sociais*, São Paulo, vol. 27 n. 50, p.145-160, jan./jun. 2023.
- SILVA, Sandra Regina Vaz; FAGUNDES, Gustavo. Clóvis Moura e a questão social no Brasil. *Revista. Katálysis*, Florianópolis, v.25, n. 2, p. 222-231, maio-ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e8413>